



Recebido em: 15/10/2023

Aprovado em: 13/11/2023

Publicado em: 29/12/2023

A PEDAGOGIA SOCRÁTICA

THE SOCRATIC PEDAGOGY

SOKRATA PEDAGOGIO

Jean Carlos Herpich¹⁵

Resumo

A pedagogia socrática, inspirada no método de Sócrates, tem sido objeto de crescente interesse na educação contemporânea. Este artigo procura explorar a relevância duradoura do método socrático, destacando sua ênfase no diálogo, na busca do autoconhecimento, no desenvolvimento da capacidade crítica dos indivíduos e no progresso moral. Sócrates acreditava que o conhecimento verdadeiro, tarefa que deve ser assumida individualmente por cada um, poderia ser descoberto por meio do questionamento. Através do diálogo, o método socrático enfatiza que a responsabilidade pela aprendizagem recai sobre o aprendiz, valorizando seus recursos individuais, como experiência e habilidades conceituais, e direcionando seu desejo para o conhecimento e para a virtude. Sócrates nega ser um professor, pois não se encaixa nos moldes tradicionais de transmissão de conhecimento. Apesar de negar o título de professor, Sócrates por meio do seu método ensina a arte da investigação filosófica, a investigação sobre a real essência dos valores morais, como também fornece um exemplo de como transformar o modo de vida dos indivíduos.

Palavras-chaves: Pedagogia. Sócrates. Autoconhecimento. Virtudes. Refutação.

Abstract

Socratic pedagogy, inspired by Socrates method, has been the subject of increasing interest in contemporary education. This article seeks to explore the enduring relevance of the Socratic method, emphasizing its focus on dialogue, self-discovery, the development of individuals' critical capacity, and moral progress. Socrates believed that true knowledge, a task to be individually assumed, could be uncovered through questioning. Through dialogue, the Socratic method underscores that the responsibility for learning rests on the learner, valuing their individual resources such as experience and conceptual skills, and directing their desire towards knowledge and virtue. Socrates denies being a teacher because he does not fit the traditional models of knowledge transmission. Despite rejecting the title of a teacher, Socrates, through his method,

¹⁵ Graduação em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina (2012), mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina (2014) e doutorado em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina (2018). Tem experiência na área de Filosofia Antiga, com ênfase em Metafísica e Ontologia. Atualmente professor do Instituto Federal do Paraná (IFPR) no Campus Avançado Barracão. E-mail: jean.herpich@ifpr.edu.br



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação
filosófica, científica e tecnológica.

imparts the art of philosophical inquiry, an exploration of the true essence of moral values, and provides an example of how to transform individuals' way of life.

Keywords: Education. Socrates. Self-awareness. Virtues. Refutation.

Resumo

Sokrata pedagogio, inspirata de la sokrata metodo, vekigas kreskantan intereson, en la nuntempa edukado. Tiu ĉi artikolo celas esplori la daŭran elstareco de la sokrata metodo, rimarkigante ties emfazon en dialogo, serĉado de memkonado, disvolviĝo de kritika kapablo en individuoj kaj en morala progreso. Sokrato kredis, ke la vera kogno – tasko individue plenumbla de ĉiu ajn – povus esti malkovrita pere de pridemandado. Pere de dialogo, la sokrata metodo emfazas ties individuajn rimedojn, kiel sperto kaj konceptaj lertecoj, kaj direktigas ies deziron pri kogno kaj virto. Sokrato neas esti instruisto, ĉar li ne enkadriĝas en la tradiciaj modeloj de transdonado de konoj. Kvankam li rifuzas la instruistan titolon, Sokrato, pere de sia metodo, instruas la arton de filozofia esplorado, esplorado pri la vera esenco de la moralaj valoroj, tiel kiel li donas ekzemplo pri kiel ŝanĝi la vivmanieron de la individuoj.

Ŝlosilvortoj: Pedagogio. Sokrato. Memkonado. Virtoj. Rifuzado.

INTRODUÇÃO

Mestre de Platão, Xenofonte e tantos outros, Sócrates foi tomado pela tradição como protótipo de mestre. Nas palavras de Werner Jaeger, “Sócrates é o mais espantoso fenômeno pedagógico da história do Ocidente” (1995, p. 512). Com efeito, não se pode minimizar a importância histórica da figura de Sócrates. Em certo sentido, o filósofo ateniense foi mestre de toda a Grécia. Apenas pelo seu discurso oral, sem ter escrito sequer uma palavra, Sócrates redefiniu a filosofia antiga.¹⁶

Conforme o célebre testemunho de Cícero, “muitas [filosofias] originaram-se de Sócrates, porque cada uma [...] apreendeu algo distinto, disseminaram-se por assim dizer famílias entre si discordantes, muito distintas e díspares, embora todos pretendam dizer-se filósofos socráticos e julguem sê-lo” (Do Orador IV 61-62). Mestre de Platão, Sócrates está na origem dos filósofos Acadêmicos, e indiretamente dos Peripatéticos.

¹⁶ Por Sócrates entendemos o protagonista dos diálogos platônicos que é em grande medida um personagem ficcional. Neste sentido, estamos conscientes que Platão recria Sócrates em seus diálogos e que, portanto, ele não pode se confundir com o Sócrates histórico. Além disso, o retrato platônico de Sócrates não é igual em todos os diálogos. Há “Sócrates” diferentes no conjunto dos diálogos. Para o nosso objetivo, trataremos Sócrates como ele aparece nos primeiros diálogos platônicos, na *Apologia* e outras obras que orbitam a *Apologia*. Outros diálogos de outras fases só serão tratados nos casos em que corroboram ideias presentes nos primeiros diálogos platônicos. Como afirma Scolnicov (2006), nos diálogos há o Sócrates de Platão e o Sócrates platônico. Nosso interesse é pensar a educação do Sócrates de Platão.



Mestre de Antístenes, Sócrates está na origem dos Cínicos, e indiretamente dos Estóicos. Mestre de Aristipo, Sócrates está na origem da filosofia Cirenaica, e indiretamente dos Epicuristas. Sócrates foi ainda mestre de Euclides de Mégara, fundador da escola megárica, Fédon de Élis, fundador da escola elíaca e de Menêdemos, fundador da escola eretiana. Em resumo, segundo a classificação de Cícero, derivam de Sócrates as seguintes escolas: a cínica, cirenaica, megárica, elíaca, eretiana, estóica, epicurista, acadêmica e peripatética. É importante mencionar que alguns admiradores fervorosos de Sócrates, como Ésquines, Xenofonte, Críton, Gláucon, Símiias e Cebes, não fundaram escolas. Além disso, a tradição cética, liderada por Pirro e que teria se baseado nas lições do megárico Stílpon, também pode ser remontada a Sócrates, embora o ceticismo em si não seja considerado formalmente uma escola filosófica.

Se a classificação de Cícero está correta, toda a filosofia antiga posterior sofreu o peso da influência de Sócrates. Diante disso, é compreensível o título de grande mestre atribuído a Sócrates. Contudo, é curioso que sua própria geração não tenha avaliado Sócrates do mesmo modo. Se atentarmos para a vida de Sócrates e a opinião pública dos atenienses de sua época, ele paradoxalmente não foi tomado como um modelo a ser seguido. A verdade é que em vez de ter sido homenageado pelos atenienses, foi condenado como um mau exemplo, acusado de impiedade e de corromper a juventude.

Na *Apologia de Sócrates*, que é um texto platônico privilegiado para começar a análise da pedagogia socrática, vemos o personagem Sócrates apresentar sua defesa diante do tribunal ateniense. Mais do que se defender das acusações, Sócrates procura defender sua filosofia e seu modo de vida. Trata-se, assim, de um texto em que Platão busca colocar a vida e a filosofia de Sócrates em evidência, de modo que é “uma espécie de versão platônica do socratismo, na qual o discípulo transmite e lega à posteridade tudo aquilo que [...] lhe parecem ser os benefícios do pensamento e da atitude de seu mestre” (BOLZANI, 2017, p. 85). A mensagem principal que Platão parece querer transmitir ao leitor da *Apologia* é de que Sócrates foi condenado pela ignorância ateniense, que por medo do poder questionador do discurso socrático não foi capaz de reconhecer o valor do maior de seus benfeitores, o grande educador dos cidadãos. Platão parece indicar que é a sina dos grandes mestres serem incompreendidos



pelo seu tempo, para serem idolatrados pela posteridade que os toma como seus professores.

Ao ler a *Apologia*, somos apresentados a mais um paradoxo. Sócrates nega que ele seja um professor.

Eu nunca fui mestre de quem quer que seja. Se alguém, jovem ou velho, almeja ouvir-me quando falo ou faço as minhas coisas, jamais o proíbo; e tampouco dialogo em troca de dinheiro, como se sem dinheiro não dialogasse, mas me prontifico a ser interrogado indiscriminadamente pelo rico e pelo pobre, mesmo se quiserem, respondendo às minhas perguntas, ouvir o que tenho para lhes dizer. E, a despeito de este indivíduo se tornar ou não um homem bom, não seria justo que eu carregasse a culpa relativa a matérias que jamais prometi ensinar e jamais ensinei a alguém. Se alguém afirma que certa vez aprendeu ou ouviu de mim, em privado, alguma coisa que não tenham aprendido ou ouvido todos os demais, estejam seguros de que não está dizendo a verdade! (PLATÃO. *Apologia*. 33a-b)

Apesar da ironia, tão típica do filósofo, no caso de Sócrates, a afirmação de que não seja um professor tem um fundo de verdade. Em primeiro lugar, Sócrates não quer ser confundido com os professores ilustres de seu tempo, a saber, os mestres sofistas. Sócrates parece estar ciente que aos olhos de senso comum facilmente poderia ser confundido com um professor de retórica e/ou “mestre de virtude”. As supostas semelhanças entre Sócrates e os sofistas são aludidas por Platão num breve episódio do diálogo *Protágoras*, quando Sócrates, seguido por um jovem que quer conhecer o famoso sofista homônimo, bate à porta da casa de Cálías, e ouve do escravo que os recebe: “Ah! Mais sofistas! O patrão não tem tempo para vocês”. A isso Sócrates responde: “nem procuramos Cálías nem somos sofistas. Viemos sim para ver Protágoras. Anuncia-nos lá!” (314d)."

Os sofistas eram professores itinerantes, mestres estrangeiros, que a cada cidade que visitavam chamavam a atenção dos jovens ricos interessados em aprender a arte de falar bem; envoltos na fama de celebridade inacessível e rodeados de poucos discípulos, é por dinheiro que ensinavam. O lugar onde, em longas apresentações, brilhavam os sofistas era a “casa particular ou a aula improvisada” (JAEGER, 1995, p. 523). Sócrates, por sua vez, é uma pessoa simples que viveu a vida toda em Atenas e que todos os atenienses conheciam. Suas conversações passam quase despercebidas, pois são diálogos sem pompa que nascem espontaneamente, como que sem querer, em situações cotidianas.



Sócrates afirma que não se dedica ao ensino e, por isso, não cobra para falar, nem tem discípulos. Quando conversa com alguém está falando com um amigo ou parceiro. Diferente dos sofistas que em suas apresentações para o público (*epideixis*) gostam de fazer discursos longos onde se destaca o aspecto retórico, Sócrates privilegia o discurso curto de perguntas e respostas. Por meio do discurso curto, Sócrates parece enfatizar dois aspectos negligenciados pela pedagogia sofística; em primeiro lugar, a ênfase no interlocutor com quem Sócrates busca criar uma relação íntima e cujo exame das opiniões e argumentos é o foco da discussão. E em segundo lugar, uma ênfase no elemento conceitual e lógico das ideias em jogo na conversação. Como destaca Jaeger, “a juventude sente-se fascinada pelo fio cortante daquele espírito, ao qual não há nada que resista” (JAEGER, 1995, p. 523). Sócrates aparece para essa juventude como “um espetáculo” corriqueiro, “a que se assiste com entusiasmo, cujo triunfo se celebra e que se procura imitar, fazendo por examinar do mesmo modo as pessoas, tanto na própria casa como no círculo dos amigos e conhecidos” (JAEGER, 1995, p. 523).

Além disso, Sócrates, ao negar o título de professor, parece apontar para uma característica fundamental de seu método, a saber, que, em se tratando de aprendizagem, ele coloca todo seu foco no aprendiz, pois concebe que a responsabilidade da aprendizagem está no próprio aprendiz. O método socrático é um método pedagógico que parece muito consciente que nada é mais importante para educar do que os recursos que o aprendiz traz consigo: sua experiência, suas habilidades conceituais e lógicas, e sobretudo a orientação de seu desejo para o saber e a verdade. Em outras palavras, ensinar, para Sócrates, não é transmitir. Não pode ser representado como a passagem do copo cheio para o copo vazio. Quando Sócrates nega que seja um professor o nega porque não se vê como detentor de nenhuma forma de ensino presente na sua época, a saber, o ensino técnico dos artesões, a educação sofística e a sabedoria tradicional dos sábios antigos. Sócrates não é mestre de uma *techné*, ou seja, um saber específico que pode ser transmitido na clássica relação professor-falante e aluno-ouvinte.

Antes de ter um saber específico, Sócrates parece dispor de um método lógico-terapêutico, cura por meio da fala, em que paulatinamente através de perguntas e respostas busca mudar o horizonte de compreensão de seus interlocutores. O famoso paradoxo socrático, ‘só sei que nada sei’, parece apontar para esse sentido lógico-



terapêutico do método socrático. Não devemos interpretar a ironia socrática contida nesta frase paradoxal como simples dissimulação de quem engana o interlocutor para se sobressair na argumentação nem como ironia zombeteira que consiste em dizer o contrário do que se está pensando. A ironia socrática tem uma meta pedagógica, a saber, busca reorientar o desejo do interlocutor no sentido da filosofia, “convencê-lo do valor de uma vida refletida. Essa convicção, porém, tem de ser atingida por cada um para si mesmo” (SCOLNICOV, 2006, p.47). Para voltar o interlocutor para a filosofia, Sócrates não pode se colocar na posição de professor-falante, pois por meio das “palavras só podemos aprender aquilo que já sabemos” (SCOLNICOV, 2006, p.47), ou que supomos saber. Para reorientar o desejo do interlocutor, Sócrates precisa trocar as posições, ele assume o papel de aprendiz-ouvinte, curioso e crítico. Como destaca Pierre Hadot, “a ironia socrática consiste em fingir que se quer aprender alguma coisa de seu interlocutor, para levar este a descobrir que não sabe nada no domínio em que pretende ser sábio” (1995, p. 53).

Apesar de sua meta essencialmente pedagógica, se perguntado, Sócrates nos responde que não é professor, pois o seu método confunde tais posições tradicionais. Percebemos com isso como a fala de Sócrates é humilde, mas seu objetivo não é. Ele pretende transformar a vida de seus interlocutores, mas para isso se apresenta como um aluno desejoso de instruir-se junto ao seu interlocutor. Apesar de Sócrates não ser um professor tradicional, ele ensina mais do que assume. Ele tem fortes posições sobre o que deve ser o conhecimento e a importância das virtudes para uma vida bem-sucedida. O objetivo do nosso artigo é explorar essa dupla função pedagógica da filosofia socrática, a saber, educar conceitualmente seus interlocutores, mostrando as exigências teóricas do conhecimento, bem como educá-los moralmente, sob pena de permanecerem em contradição consigo mesmos, descuidando da própria alma e negligenciando o que significa uma vida bem-sucedida.

CUIDADO DA ALMA

Toda a filosofia socrática se norteia segundo a máxima délfica “conhece-te a ti mesmo”. Sócrates atribui à alma um lugar de absoluta superioridade. Enquanto protagonista do discurso filosófico, a alma representa o espaço em que se decide o



significado e o propósito da existência humana. E como vemos na *Apologia*, o bem-estar da alma é o critério para julgar o comportamento e as decisões do indivíduo.

Enquanto estiver respirando e vivo, jamais deixarei de filosofar, de exortá-los e de mostrar, sempre que encontrar algum de vocês, aquilo que costumo dizer: “excelentíssimo homem, você, que é ateniense, oriundo da mais importante e bem reputada cidade em sabedoria e força, não se envergonha de cuidar da aquisição ao máximo de dinheiro, reputação e honra, ao passo que da inteligência e da verdade, da busca por melhorar ao máximo sua alma não cuida nem se ocupa? E se algum de vocês me contestar e disser que está cuidando disso, não vou absolvê-lo de pronto nem ir embora, mas vou inquiri-lo, examiná-lo e refutá-lo; e se ele me parecer desprovido de virtude (*aretén*), ainda que afirme o contrário, vou censurá-lo por dar pouquíssimo valor a coisas de extrema valia, e muitíssimo valor a coisas de pouca monta. (PLATÃO, 2022, 29d-30a).

A missão pedagógica de Sócrates é conduzir seus interlocutores a cuidarem da própria alma. E como vemos na passagem acima, cuidar da alma é preocupar-se com a *areté*, a excelência ou virtude. A noção de *areté* remete à dimensão das capacidades. “A virtude de uma coisa, sua *areté*, é ter a disposição para realizar uma função (*érgon*) da melhor forma possível” (FERRARI, 2022, p. 41). Para os gregos do período clássico, a *areté* da alma humana, ou seja, a realização plena de sua função, é o “bem viver” (*eudaimonia*). Cuidar da alma e da *areté* é, portanto, preocupar-se com a vida boa, o bem-estar, em suma, com a felicidade.

Sócrates está convencido que o bem-estar da alma garante o bem-estar do indivíduo como um todo.

É da alma [...] que saem todos os males e todos os bens do corpo e do homem em geral, influenciando ela sobre o corpo como a cabeça sobre os olhos. É aquela, por conseguinte, que, antes de tudo, precisamos tratar com muito carinho, se quisermos que a cabeça e todo o corpo fiquem em bom estado. As almas, meu caro [...] são tratadas com certas fórmulas de magia; essas fórmulas são os belos argumentos. Tais argumentos geram na alma a *sofrosine*, ou temperança, e, uma vez presente a temperança, é muito fácil promover a saúde da cabeça e de todo o corpo. (PLATÃO, 2015, 156e-157b).

Se levarmos em consideração a doutrina da tripartição dos bens, segundo a qual há bens da alma (virtudes), bens do corpo (saúde, beleza, força) e bens exteriores (riqueza, reputação), Sócrates julga que os bens da alma, as virtudes, são superiores aos demais bens. Em outras palavras, ele defende que a disposição da alma é o fator determinante para a qualidade de vida. Além disso, o filósofo parece acreditar que só os



bens da alma são bens efetivamente, pois os bens do corpo e os exteriores são passíveis de bom e mau uso. O bom emprego de tais bens depende do saber. A saúde, beleza, força, riqueza e glória apenas se tornam, de fato, bens quando estão sob a tutela de um bem maior e incondicional, o saber, que é um bem da alma.

Com efeito, quando ando por aí, não faço outra coisa senão persuadir vocês, do mais jovem ao mais velho, a não cuidarem do corpo e do dinheiro assim tão resolutamente antes de cuidarem do aprimoramento máximo da alma dizendo-lhes: ‘não é do dinheiro que provém a virtude, mas é pela virtude que o dinheiro e todas as demais coisas se tornam boas para os homens, quer na vida pública quer na particular’. (PLATÃO, 2022, 30a-b)

Como podemos perceber, o cuidado da alma é um objetivo de primeira ordem da pedagogia socrática. Educar significa em princípio desviar a preocupação humana para os verdadeiros valores que possibilitam uma vida boa. Neste sentido, a pedagogia socrática é sempre uma educação ética. Em seu percurso educacional, Sócrates se diz disposto a dialogar com qualquer pessoa, jovem e velha, rica ou pobre, instruída ou não. Seu objetivo é fazer com que seus interlocutores examinem suas crenças e suas vidas, forçando-os a voltar sua atenção para o cuidado da alma e da virtude. Como um pequeno exemplo desta função socrática, podemos citar o caso de Alcibíades no *Banquete* (215a-216a); Alcibíades afirma que diante de Sócrates sente vergonha de seu modo de vida e deseja se tornar uma pessoa melhor.

Sobre o cuidado da alma, é importante destacar que para Sócrates esse exame é um exercício para vida toda. E quando se trata de quem deve ser educado, ele acredita que a educação filosófica deve ser para todas as idades. Neste sentido, ele vai contra os pensadores da época para os quais a educação filosófica deveria ser restrita aos jovens, apenas por um tempo limitado, como uma propedêutica para questões práticas posteriores, mais sérias. Filosofia, como defende Cálicles, no diálogo *Górgias* (484-5), é um passatempo interessante para os jovens, mas quando praticada depois da idade adulta, se torna ridículo. As pessoas maduras devem se preocupar com questões práticas, sejam os negócios privados ou as questões públicas, a política. Em oposição à opiniões como a de Cálicles que menospreza a vida dedicada à filosofia em nome da vida ativa, Sócrates atribui à filosofia o status de ocupação mais nobre de todas, pois fundamento da vida virtuosa e bem-sucedida.



Embora esteja disposto a conversar com todas as idades, Sócrates sabe adequar seu discurso. Com os mais jovens Sócrates tem um tom diferente do que com adultos da sua faixa etária ou com pessoas mais velhas. Com os jovens, ele é mais gentil, mais encorajador e menos mordaz no uso da sua ironia. Quando conversa com o jovem Teeteto, no diálogo homônimo, Sócrates assume o prestativo papel de parteiro (maiêutica) que encoraja e examina com cuidado as teses do jovem matemático. Quando conversa com o velho Céfalo, no livro um da *República*, Sócrates é sobremaneira cortês e respeitoso. Contudo, quando conversa com interlocutores maduros que alegam possuir algum conhecimento, Sócrates não economiza na ironia: começa por se colocar em posição de aprendiz e por meio de um interrogatório contínuo acaba por levá-los à contradição, refutando-os.

Outro aspecto do cuidado da alma que não pode ser esquecido, é que o exame socrático não é só focado no interlocutor, o próprio Sócrates parece estar constantemente examinando a si mesmo. Sócrates desafia seus próprios pontos de vista e caminhos argumentativos no curso de seus questionamentos.

[...] ainda não sou capaz de, segundo a inscrição délfica, conhecer-me a mim mesmo; ridículo então se me afigura, quando isto ainda ignoro, examinar o que é de outro domínio. Daí é que, tendo deixado livres esses mitos e confiado no que se acredita a seu respeito, faço exame não deles mas de mim mesmo, se acaso não sou um bicho mais complicado e mais nebuloso que Tífon, ou se um animal mais manso e simples, por natureza partilhando de não sei que divino e desanuviado destino. (PLATÃO, 2016, 229e-230a).

A riqueza pedagógica de Sócrates reside no fato de que ele não apenas ensinou teorias filosóficas, mas também serviu como um exemplo vivo de como aplicar esses princípios na prática. Ele encarnou a filosofia que ele pregava, o que tornou seus ensinamentos mais impactantes e inspiradores. Sua abordagem pedagógica não se limitou ao método, mas estendeu-se à própria pessoa de Sócrates, tornando-o um modelo educativo e ético para seus seguidores e para a posteridade. Sócrates encarna a defesa da importância da virtude, do autoconhecimento e da reflexão sobre a moralidade. Sócrates acreditava que a vida examinada era a mais valiosa e que as pessoas deveriam se esforçar para serem boas, justas e virtuosas. Ele mesmo praticava esses princípios em sua vida diária.



MÉTODO SOCRÁTICO: RECONHECIMENTO DA IGNORÂNCIA

No caso de Sócrates parece que a busca por autoconhecimento conduz inevitavelmente à aporias; o final dos diálogos socráticos resulta sempre em saldo negativo; a conversa acaba no impasse. Tudo isso nos leva a confiar no que é dito na *Apologia* (23c) sobre os limites da sabedoria humana e que a tarefa do filósofo se restringe a constantemente reafirmar sua ignorância sobre as grandes questões. Sem dúvida, há muita ironia na máxima socrática “só sei que nada sei”, porém, Sócrates parece sinceramente comprometido com a visão expressa na *Apologia* de que a sabedoria humana reside no reconhecimento da própria ignorância sobre as grandes questões, bem como em saber paradoxalmente o pouco valor que tem a sabedoria humana. Este gesto de humildade epistêmica é um ato sincero da pedagogia socrática que não pode ser confundido com a inércia preguiçosa de quem abdica da verdade e do conhecimento. Ao contrário do ceticismo preguiçoso, a consciência da própria ignorância significa, para Sócrates, estar em constante exame de si mesmo, reavaliando a consistência de suas crenças e ações.

Sócrates está ciente do prejuízo epistemológico e ético que a falta de consciência da própria ignorância acarreta aos indivíduos. Na *Apologia* Sócrates conta sua saga no exame dos pretensos sábios que arrogantemente tomavam-se por mestres das grandes questões – políticos, poetas e artesãos. Conversando com os mesmos, Sócrates prova que eles não tinham real conhecimento do que proclamavam saber (22a-e). Sócrates faz a mesma investigação com sofistas ilustres (Protágoras, Górgias e Hípias) que visitam Atenas, com estudantes de oratória (Ménon e Fedro) e até mesmo com figuras eminentes como o general Laques. A falta de humildade epistêmica de tais personalidades, a ostensão do saber sem ser capaz de justificá-lo, demonstra uma total carência de rigor lógico, bem como certa displicência em relação às suas crenças e ações. Sócrates não se cansa de revelar o desrespeito à consistência e à lógica por parte de seus interlocutores, que parecem mais preocupados em persuadir os outros das suas crenças do que avaliar a veracidade das mesmas.

Sócrates espera de seus interlocutores que eles tenham respeito pela consistência e mostrem real desejo de aprender. Como percebemos no diálogo *Eutífron*, por meio do exame do personagem que intitula o diálogo, para que seja possível a educação



promovida pelo exame socrático o interlocutor precisa estar comprometido com a coerência. Eutífron encontra Sócrates a caminho do tribunal, ele pretende acusar seu pai de impiedade. Eutífron, como sacerdote, se diz conhecedor dos temas ligados à piedade e à impiedade. Sócrates, por interesse próprio, pois também está sendo acusado de impiedade pelos atenienses, não perde a oportunidade de interrogá-lo sobre o assunto. Como de costume, ironicamente Sócrates se coloca na posição de aprendiz. Ele supõe que se Eutífron, de fato, possui o conhecimento que ele alega ter, então será capaz de definir corretamente o que é a piedade. Eutífron está confiante de que as noções tradicionais que adquiriu sobre o tema da piedade são suficientes para definir satisfatoriamente a curiosidade de Sócrates. Contudo, sabemos como Sócrates é exigente. O filósofo começa fazendo um esclarecimento:

[...] o que é piedoso não será igual a si mesmo em todas as ações, e, inteiramente oposto a ele, o que for ímpio, porém sempre igual a si mesmo, e sempre com uma forma única, enquanto ímpia, no que diz respeito à impiedade? (PLATÃO, 2022, 5d).

Apesar de Eutífron concordar com estas duas premissas, o que é piedoso é sempre igual a si mesmo e que a piedade é o oposto da impiedade, suas tentativas de definir acabam não respeitando-as. O resultado é que as definições da piedade dadas por Eutífron são inconsistentes com suas próprias convicções mais elementares e lógicas.

Embora Sócrates tenha conduzido toda a argumentação, Eutífron deve assumir a responsabilidade pelo resultado aporético da discussão. É Eutífron quem alega ser sábio no assunto, é ele quem propõe as definições e que assume as premissas da argumentação, em suma, é ele quem acusa o pai de impiedade com a convicção de que se trata de um caso de impiedade. Eutífron está comprometido não só logicamente como também eticamente com a questão da piedade, de forma que o resultado aporético do seu exame socrático deveria levá-lo a uma radical reavaliação do seu modo de vida. Como destaca Paul Woodruff, “Eutífron é um bom candidato para a educação socrática porque leva a sério a questão, como se sua carreira dependesse disso, ele não brinca com isso. Ele segue a mais importante regra de Sócrates: quando questionado dizer só o que você acredita.” (1998, p. 17).

Alguém poderia provocativamente perguntar, ‘mas o que Eutífron realmente aprendeu de Sócrates?’; ‘em certo sentido, ele parece ter desaprendido, pois agora



sequer pode confiar nas antigas crenças sobre a piedade'. Tal provocação nos lembra de destacar como Eutífron está em melhor situação depois do exame socrático, pois catarticamente superou a pior das ignorâncias, a saber, a presunção de se dizer conhecedor do que não conhece, ou seja, a arrogante ostentação de quem se sente confiante em relação a suas próprias crenças, sem ser capaz de vê-las na sua real incoerência. Em suma, Eutífron aprendeu que ele não sabe o que pensava saber e que, portanto, deveria ser mais modesto em suas reivindicações.

Além disso, Sócrates está convencido que apenas por meio da refutação de Eutífron, ele foi capaz de ensiná-lo a preocupar-se com a razão e com a vida filosófica. Para Sócrates, não se pode convencer sobre o valor da razão através da persuasão retórica; “a troca de uma opinião não-justificada por outra não tem o mínimo valor educativo ou moral” (SCOLNICOV, 2006, p. 44). Em primeiro lugar, parece que “o caminho para a razão já pressupõe uma prontidão inicial a submeter-se a ela, a ‘seguir o argumento aonde nos leve’” (SCOLNICOV, 2006, p. 44). Quem não quer se libertar das contradições de sua alma e seguir até o fim o percurso argumentativo, não tem condições de acessar a razão socrática. Além disso, Sócrates responsabiliza cada um dos seus interlocutores por suas ações, opiniões e pressupostos, nunca esquecendo que é tarefa de cada um livra-se das suas contradições. Sócrates não salva ninguém. Sócrates não convence seu interlocutor por meio de novas opiniões, que por mais que pudessem estar corretas, não teriam sido justificadas pela própria razão do interlocutor. Só o interlocutor pode salvar-se. “Sócrates pode apontar de longe, negativamente, o caminho da salvação. Mas, para ele, quem não pode salvar a si próprio não pode ser salvo por um outro. Não resta a Sócrates, portanto, senão tomar uma via indireta: a ironia” (SCOLNICOV, 2006, p. 45).

RACIONALIDADE SOCRÁTICA

A pedagogia socrática se configura como um enaltecimento da racionalidade, mas de uma racionalidade que floresce internamente no decorrer do diálogo socrático. Não se trata de uma racionalidade externa que se impõe aos interlocutores.



Ainda sobre esta racionalidade socrática é fundamental ter em mente como ela deixa de ser um instrumento para alcançar valores sociais simplesmente dados, para se tornar um exercício capaz de fundamentar os valores. Como destaca Scolnicov...

[...] com Sócrates a razão não é mais instrumental para atingir fins considerados valiosos – possessões, honras, sucesso político e pessoal –, mas a própria racionalidade, expressa no ato de evitar contradições e de argumentar, e que confere valor a fins e a opiniões. O objetivo educacional último é, pois, levar a cabo uma revolução na percepção do educando, qual seja, o papel da razão: o reconhecimento de seu valor normativo e não só instrumental (SCOLNICOV, 2006, p. 43).

Em outras palavras, Sócrates não dialoga com seus interlocutores para que tenham o sucesso que a sociedade espera deles; ele dialoga, examina, refuta, para que o interlocutor reavalie seus fins na direção do autoconhecimento das virtudes que tornam uma vida digna. Neste sentido, sua racionalidade não é instrumental, mas um exercício de autoconhecimento e fundamentação dos verdadeiros valores.

Ademais, é importante sempre destacar como o autoconhecimento socrático não é a busca de verdades subjetivas. O autoexame forçado por Sócrates não tem apenas um valor psicológico. Ele tem um valor racional objetivo. Como destaca Scolnicov, Sócrates “exige uma resposta que seja produto de uma introspecção puramente pessoal e, ao mesmo tempo, universalmente válida. Ele insiste que a introspecção pode conduzir a respostas válidas não só psicologicamente, mas também em si” (SCOLNICOV, 2006, p. 25). O conceito de individualidade pressuposto na “introspecção socrática [...] não leva à descoberta das profundezas subjetivas e inexprimíveis da alma, mas ao logos comum” (SCOLNICOV, 2006, p. 27). Em Sócrates, “a mais profunda individualidade é a mais profunda comunhão. Mas Sócrates interpreta tal comunhão, como seria de esperar, de um modo puramente intelectual” (SCOLNICOV, 2006, p. 27). Além disso, é fundamental para a compreensão do autoconhecimento socrático, reconhecer a função da contradição que “serve de ponto de contato entre o subjetivo e o objetivo” (SCOLNICOV, 2006, p. 27). Scolnicov destaca que “a introspecção forçada por Sócrates a seu interlocutor toma a forma do exame de suas opiniões para purgar a alma de contradições. A contradição tem aqui tanto um caráter objetivo como um caráter pessoal” (SCOLNICOV, 2006, p. 28). Em outros termos, Sócrates, assim como já tinha feito Parmênides, reconhece na ausência de contradição o critério da verdade, da



unidade e da realidade. “Só o que não implica contradições pode ser algo e ser real” (SCOLNICOV, 2006, p. 28).

No exame socrático, a introspecção é ao mesmo tempo a purgação das contradições pessoais do interlocutor e a investigação da definição universalmente válida. Neste sentido, “a conversão da alma é a conversão ao *eîdos*” (SCOLNICOV, 2006, p. 28). Por isso, além de ter um caráter pessoal, o exame socrático conserva o caráter objetivo da busca pelo em si. O fato de que as contradições que o interlocutor de Sócrates descobre nas suas crenças sejam parecidas com as que o leitor senso comum facilmente também cairia é um indício deste duplo valor subjetivo e objetivo do exame socrático. Outro indício disso é a vergonha que Sócrates causa. Trata-se de uma vergonha privada e pública; vergonha frente a si mesmo e frente aos outros. A vergonha socrática é a aceitação do valor universal da contradição. Se, em certos casos extremos, o interlocutor não sentir vergonha de suas contradições, pelo menos em público, os outros sentirão vergonha por ele.

Neste sentido, a contradição tem papel fundante no método socrático. Se voltarmos nossa atenção para os procedimentos lógicos deste método socrático, reconheceremos que o método pedagógico socrático consiste basicamente em assumir certos caminhos de argumentação. Primeiro, Sócrates se nega a tornar a posição de professor e assume desde do início a atitude de aprendiz. Ironicamente Sócrates começa sua lição não como quem vai ensinar, mas como quem quer aprender do seu interlocutor. A forma principal de interação são as perguntas de Sócrates. Explicações por parte de Sócrates são raras, e servem apenas como encaminhamento e direcionamento formal, uma vez que o conteúdo da argumentação é apresentado pelo interlocutor. Sendo assim, a responsabilidade pelo curso da argumentação é do interlocutor de quem as respostas surgem.

A justificativa pedagógica de colocar a responsabilidade da argumentação no aprendiz é a propensão deles em levarem mais a sério uma lição que pertence a eles do começo ao fim. Por serem obrigados a assumir a responsabilidade sobre suas próprias visões, os aprendizes são forçados a desenvolver habilidades de pensamento crítico: precisam justificar suas crenças, esclarecerem seus pressupostos, reconhecer suas inferências lógicas. São guiados por Sócrates a tomar conhecimento de seus



pensamentos e avaliá-los criticamente, mas de uma forma independente, pois o conteúdo da investigação pertence em sua essência ao que eles apresentam.

Apesar de focar na responsabilidade do aprendiz, a validade do método não depende simplesmente da aceitação arbitrária do mesmo. Sócrates exige respostas que sustentem a opinião do interlocutor que reivindica possuir conhecimento sobre o assunto tratado. Além disso, Sócrates apresenta critérios de validação do conhecimento que são padrões aceitos pelos próprios interlocutores. Por exemplo, como vimos no diálogo com Eutífron, Sócrates exige que a definição da piedade satisfaça certas condições, a saber, seja válida para todos os casos de piedade e seja o oposto da impiedade. Neste sentido, Sócrates direciona seu interlocutor demandando certos compromissos lógicos que garantem o caráter objetivo da investigação. Tais compromissos lógicos não deixam de apontar para uma teoria do conhecimento implícita na argumentação socrática que fornece as condições mínimas do que pode ser validado como definição e conhecimento.

ÉTICA DA REFUTAÇÃO

Outro aspecto fundamental do método socrático é como ele arranca dos interlocutores certos compromissos morais que, por mais que à primeira impressão soem estranhos e até possam ser reprimidos pelos interlocutores, não podem não ser aceitos. Como no caso de Polo, no diálogo *Górgias*, que começa por negar que é pior cometer uma injustiça do que sofrê-la, mas acaba por ter que concordar com Sócrates no curso da argumentação, e aceitar a verdade desta proposição moral. (474c-475e). Na sequência do diálogo, Sócrates afirma que o custo de não aceitar uma proposição moral como esta é estar em conflito consigo mesmo (482b). Para Sócrates estar em contradição consigo mesmo é pior do que toda a oposição da sociedade:

[...] por mim, meu caro, pode-se desafinar e destoar a minha lira, ou um côro que eu dirigisse; pode discordar de mim e contradizer-me a maioria das pessoas; antes disso do que eu, que sou um só, não me afinar comigo mesmo e contradizer-me. (PLATÃO, 2011, 482b).

Além disso, é evidente o caráter moral que Sócrates atribui a refutação. O filósofo ateniense demonstra um otimismo moral em relação ao exame lógico dos seus interlocutores. Como destaca Scolnicov, “Sócrates acreditava que a purificação das



contradições da alma necessariamente traria o homem à visão do bem – e por si só também a prática do bem. A dialética rasga os véus que estão à frente dos olhos da alma, como condição necessária para a visão do bem” (SCOLNICOV, 2006, p. 42).

Aqui está a grande novidade socrática. Ela não está em voltar sua atenção para os problemas ético-políticos do homem nem sequer ter reconhecido o valor moral da investigação filosófica, pois os sofistas já centram seu pensamento no homem, bem como os pitagóricos já haviam dado valor moral à investigação filosófica. A inovação de Sócrates foi “atribuir valor moral à atividade intelectual tendo como objeto a própria vida humana. O objeto da investigação socrática não era genericamente o homem, o ser humano como tal, e sim cada homem como objeto de si mesmo” (SCOLNICOV, 2006, p. 41-42).

Para Sócrates, o exame crítico de cada ação e opinião se torna a atividade digna do ser humano. A realização plena do ser humano depende da investigação que cada um deve fazer não sobre a natureza ou o ser em geral, mas sobre a própria alma. Nos diálogos socráticos, o Sócrates de Platão “não fala de especulação (*theoría*, no jargão pitagórico), mas busca ou investigação (*sképsis*, *zétesis*). Essa investigação não tem fim pragmático ou utilidade à parte de si mesma.” (SCOLNICOV, 2006, p. 41-42). Não é uma investigação voltada para as preocupações cotidianas, ou seja, “ela não ensina como ‘melhor dirigir os assuntos da casa e da cidade’, como fazia Protágoras de Platão (318e-319a).” (SCOLNICOV, 2006, p. 41-42). A investigação proposta por Sócrates é o próprio cuidado de si ou cuidado da alma. Neste sentido, ela transcende as preocupações cotidianas para direcionar nossa atenção para o fundamento ético da nossa vida.

CONCLUSÃO

Como pudemos ver, há diversos elementos da pedagogia socrática que podem servir como uma fonte de inspiração valiosa para educação contemporânea. Em primeira, sua ênfase no diálogo nos revela como a educação deve ser uma construção íntima entre educador e educando, baseada no questionamento e na reavaliação de crenças e ações. Por outro lado, a busca do autoconhecimento que norteia a pedagogia socrática parece apontar para o sentido maior da educação, a saber, a formação ético-moral que redefine o sentido da vida em termos de aperfeiçoamento ético. Como vimos,



Sócrates, enquanto professor, força no aprendiz um autoaperfeiçoamento filosófico que conduz a um autoaperfeiçoamento ético em que o aprendiz redefine o significado do bem e da felicidade. Além disso, pudemos perceber, como a pedra de toque desse aperfeiçoamento ético é a argumentação e a refutação socrática, fundada na valorização da coerência interna entre crenças e ações. Neste sentido, a educação socrática se apresenta como um método lógico preocupado com o desenvolvimento da capacidade crítica dos seus educandos. Todos estes elementos explorados no nosso estudo revelam como a pedagogia socrática continua a ser uma influência duradoura e enriquecedora no campo da educação.

REFERÊNCIA

- BOLZANI, Roberto. Educação socrática. **Filosofia e Educação** [RFE] – Volume 9, Número 1. Campinas, SP, Fevereiro-Maio de 2017, p. 81-109.
- CÍCERO. **De l'orateur**. Trad. E. Courbaud. Paris: Les Belles Lettres, 1950.
- DORION, L.-A. **Comprender Sócrates**. São Paulo: Vozes, 2006.
- FERRARI, Franco. **Introdução a Platão**. São Paulo: Paulus, 2022.
- HADOT, Pierre. **Qu' est-ce que la philosophie antique?** Paris: Folio, 1995.
- JAEGER, W. **Paidéia: A formação do Homem Grego**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- PLATÃO. **Cármides e Lísias**. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: Ed.UFPA, 2015.
- PLATÃO. **Eutifron, Apologia de Sócrates, Críton**. Trad. Daniel R. N. Lopes. São Paulo: Perspectiva, 2022.
- PLATÃO. **Fedro**. Trad. José Cavalcante de Souza. São Paulo: Editora 34, 2016.
- PLATÃO. **Górgias**. Trad. Daniel R. N. Lopes. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- PLATÃO. **Laques**. Trad. Francisco Oliveira. Lisboa: Edições 70, 1989.
- PLATÃO. **Protágoras**. Trad., introdução e notas de Ana da Piedade Elias Pinheiro. Lisboa: Relógio D'Água, 1999.
- PLATÃO. **Teeteto**. Trad. Adriana M. Nogueira e Marcelo Boeri. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2005.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação
filosófica, científica e tecnológica.

SCOLNICOV, Samuel. **Platão e o problema educacional**. São Paulo: Loyola, 2006.

WOODRUFF, Paul. Socratic Education. In.: RORTY, Amélie Oksenberg (ed.).
Philosophers on Education: Historical Perspectives. London: Routledge, 1998, p. 13-29.